

Estudando os efeitos da ambiguidade no discurso jornalístico manchete

Lisângela Aparecida GUIRALDELLI¹
Maisa Cristina PEREIRA DE SÁ²

Resumo: O presente estudo, que é parte de um trabalho de conclusão de curso, tem por objetivo refletir sobre os sentidos que são possíveis produzir nas manchetes de notícias ao apresentarem ambiguidade e, a partir destas reflexões, analisar as ocorrências deste fenômeno, e como essa duplicidade de sentido interfere na compreensão das manchetes. Busca-se demonstrar também que uma manchete, ao apresentar um sentido ambíguo, pode chamar a atenção do leitor a uma leitura na íntegra da notícia. A seleção do *corpus* de análise foi feita a partir de jornais impressos da cidade de Ituverava-SP, bem como de jornais online disponíveis. A análise foi desenvolvida por meio dos tipos de ambiguidade encontrados. Verificamos que a duplicidade de sentido presente nas manchetes pode acarretar distintas interpretações que geralmente confundem o leitor em relação ao sentido a ser atribuído, e que a ambiguidade é utilizada nas manchetes também como estratégia de atrair a atenção do leitor para a notícia, aguçando a curiosidade em desvendá-la.

Palavras-chave: Gênero discursivo; Ambiguidade; Manchete.

Abstract: This work, that belongs to a graduation work, aims to reflect about possible directions in news headlines when they presenting ambiguity and, from these reflections, to analyze the occurrences of this phenomenon and how this duplicity of meaning interferes with the understanding of a headline. We try to show that a headline with double meaning can draw attention to the reader. The corpus was composed by printed newspapers from Ituverava city (Brazil) and online newspapers available on internet. We analyze the kinds of ambiguity that were found in the newspapers. We verified that the ambiguity found on headlines can establish different understanding that, in general, confuses the reader in relation to the meaning to be assigned and, that ambiguity is also used in headlines as a strategy to call reader's attention.

Keywords: Discursive Gender; Ambiguity; Headline.

Introdução

A manchete é a primeira leitura que fazemos da notícia e é ela que nos leva, ou não, a ler o conteúdo informativo, pois depende do sentido gerado. A informação possui grande força e importância na sociedade; ter conhecimento ou, ao menos, ter acesso aos acontecimentos diários da cidade, da região e do mundo torna o leitor um cidadão mais crítico e consciente.

1 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de São José do Rio Preto/SP; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava - FFCL/FEI. Ituverava-SP. Correio eletrônico: lisquiraldelli@uol.com.br.

2 Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava - FFCL/FEI . Ituverava-SP. Correio eletrônico: mpdesa@live.com.

A escolha deste tema se justifica pelo fato de a ambiguidade estar presente nas ocorrências da língua e ter o conhecimento deste fenômeno contribuí para desvendar a duplicidade de sentido encontrada nos enunciados escritos e falados da língua. Tem-se como objetivo deste artigo: fazer uma reflexão sobre os sentidos que são possíveis de produzir nas manchetes de notícias escritas ao apresentarem ambiguidade e analisar em manchetes de jornais as ocorrências deste fenômeno, a fim de refletir como essa duplicidade de sentido interfere na compreensão desse gênero jornalístico. Busca-se demonstrar que uma manchete, ao apresentar um sentido ambíguo, pode chamar a atenção do leitor a uma leitura na íntegra da notícia.

O *corpus* está composto por notícias retiradas de jornais impressos da cidade de Ituverava-SP e por notícias de jornais digitais. Analisamos os tipos de ambiguidade presentes nas manchetes e as interpretações passíveis de serem produzidas, procurando demonstrar que é possível utilizar desta ferramenta linguística de forma a conectar o leitor a uma boa leitura.

Tendo isto em vista, embasamos nossa pesquisa em autores como Koch (2006), Marcuschi (2008), Fávero (2000), Mussalin (2004), Baltar (2004), Cançado (2012), Lage (2001) e outros, que possibilitaram realizar a análise do fenômeno linguístico selecionado.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção apresentamos uma breve introdução sobre o percurso teórico da Linguística Textual, que serve de base a nossa pesquisa. Em seguida, discutimos na segunda seção algumas concepções de gênero textual embasadas nos autores supracitados e, após este estudo nos direcionamos para o gênero jornalístico notícia, apontando sua estrutura e as categorias que o compõe, procurando expor a finalidade deste gênero; filtramos deste gênero a categoria manchete, que é utilizada em nossas análises. Na seção 3, abordamos o fenômeno da ambiguidade, que nos é de interesse para verificar sua ocorrência nas manchetes selecionadas. A seção 4 ficou reservada para a análise e discussão dos dados e nas Considerações Finais encerramos o trabalho mostrando alguns resultados obtidos.

Linguística Textual: uma breve introdução

A Linguística Textual passou por um longo percurso teórico para se desenvolver até o que é atualmente. Existem registros de análises linguísticas de milhares de anos. No entanto, partiremos da primeira interação linguística que motivou de forma notável as gramáticas desenvolvidas até então.

Foi a partir dos anos 60 que a Linguística Textual passou a ser assim denominada por Heinrich (1967, apud FÁVERO; KOCH, 2000, p. 11), que trouxe para os estudiosos uma nova maneira de análise da linguagem que era vista como composição de várias unidades menores que se encontrava formada por palavras e frases, as quais eram analisadas separadamente, por considerar ser esta a única forma plausível para a produção e interpretação do texto.

De acordo com Bentes (2004), o percurso teórico iniciado pela Linguística Textual na década de 60 não pode ser descrito por uma ordem cronológica para tal desenvolvimento, mas é possível apontar três marcos tidos como importantes, que contribuíram para o desenvolvimento da Linguística Textual. O primeiro momento teve início com a atenção direcionada para o que se chamou de análise transfrástica, em que as análises e pesquisas estavam voltadas “para os enunciados ou seqüências de enunciados, partindo-se, pois, destes em direção ao texto” (FAVERO; KOCH 2000, p. 14) e tendo a intenção de estabelecer o significado e o sentido do texto pelas seqüências de enunciados. Existia, porém, uma dificuldade em se analisar o texto a partir do texto, estando os estudiosos do texto ainda presos às análises frasais, denominadas de enunciados, acreditando que com essas análises de enunciados poderiam, dessa forma, analisar o texto.

O segundo momento foi marcado pelo desenvolvimento e surgimento de gramáticas textuais, devido à gradual necessidade de se explicar muitas ocorrências que surgiam no texto como, por exemplo, a dificuldade em analisar o texto com o sentido contextualizado, o uso dos pronomes, dos artigos, bem como a concordância verbal, entre outras ocorrências, que eram desconhecidas até então nas análises frasais.

O terceiro momento vem para apresentar as teorias de texto, e é neste período que os estudos e as análises do texto, inseridos em

um contexto, ganham forças, e o objetivo principal de estudo é o texto. Destaca-se nesse período uma visão maior para o modo em que o sentido do texto é produzido, como ele é recebido e interpretado pelo leitor.

Esse olhar contextualizado dado ao texto se destacou, pois alguns fatores encontrados no texto e que dificilmente eram entendidos, mesmo com as teorias e gramáticas já desenvolvidas, somente neste momento passavam a fazer sentido para os linguistas.

A partir daí os linguistas ficaram preocupados em conceituar o que era e o que poderia ser entendido por texto. Muitas noções foram surgindo com tamanha diferenciação existente entre elas, que as teorias voltadas para o conceito de texto eram inúmeras. Muitas foram as noções dadas ao texto bem como sobre sua abrangência durante este percurso da Linguística Textual. Para Koch (1993, *apud* BENTES, 2004, p. 255):

Poder-se-ia assim, conceituar o texto, como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados durante uma atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Além do termo texto, o termo discurso também desencadeou grandes discussões quanto ao seu conceito e definição sendo, muitas vezes, confundido e associado com o termo texto e tendo a mesma acepção para alguns linguistas, enquanto que para outros ficava determinada a diferença existente entre um e outro.

Para o nosso estudo, a conceituação mais adequada para texto e discurso é a que entende texto como toda manifestação textual, e por discurso como a capacidade comunicativa do falante, trazida por Fávero e Koch (2000).

Partindo desse estudo dado ao texto, e desenvolvido pelos autores mencionados, é que nos direcionamos, a seguir, para os gêneros textuais, apontando algumas de suas definições. Na sequência, apresentaremos uma noção sobre o gênero notícia e sua estrutura composicional.

Falando sobre gêneros textuais

A partir da década de 90, estudar os gêneros textuais passou a ter grande importância para os estudiosos da língua que, até então, vinham analisando os textos e sua realização dentro de diferentes contextos. Diante de suas análises, levantaram a questão dos gêneros do texto, pois pretendiam designar uma classificação para os textos de acordo com as características que cada um possuía.

Muitos e distintos são os conceitos e noções dadas ao gênero textual. Marcuschi (2008, p. 154) nos diz que é "impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto". Essa ideia nos revela que, como todo texto está ligado a algum gênero, a comunicação oral só se dá por meio dele.

A definição de gênero textual trazida por Marcuschi (2008, p. 155) é a de que são textos que "apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos, sociais, institucionais e técnicas". Em outras palavras, o autor define gênero como toda interação comunicativa utilizada no dia-a-dia, que pode ser "formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas"; formas estas que podem ir desde um telefonema e uma aula virtual a uma receita culinária e uma bula de remédio.

Seguindo a linha de estudos dos gêneros textuais desenvolvida por Bakhtin (1992, apud KOCH; ELIAS, 2006, p. 59), observamos que o autor traz a noção de gêneros textuais como sendo "tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca: os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional". Para o autor, os gêneros possuem, ainda, um conteúdo temático e um estilo que juntos são utilizados como recursos necessários no estabelecimento de um gênero textual. Ao nos depararmos com uma carta, por exemplo, já é esperado que ela tenha em sua estrutura composicional elementos como: destinatário, informação, saudação inicial e final seguida de uma assinatura. Em uma carta, o conteúdo temático se posiciona na probabilidade da informação ali contida e o estilo se destaca com a informação ser apresentada separada da saudação inicial e do destinatário, como também da saudação final e da assinatura.

Alves Filho (2011, p. 19), por sua vez, nos alerta que é “importante saber que as classificações também podem ter um significado ou podem induzir as pessoas a aceitar um certo significado para os gêneros”. O autor, em seus estudos, aponta ainda que os gêneros podem ser assimilados aos diversos conjuntos existentes na sociedade e a nós humanos, como sendo modificáveis, alteráveis, deslocáveis e, muitas vezes, incoerentes.

Sustentado as noções de gêneros textuais aqui demonstradas, nas palavras de Mendonça (2013, p. 201), podemos entender por gêneros textuais os “acontecimentos sociocomunicativos que vão diferenciando-se e ampliando-se à medida que as esferas de atividade humana ficam culturalmente mais complexas”. De acordo com a autora, é importante salientar que se a quantidade de gêneros for equivalente à quantidade de acontecimentos de convívio na sociedade existe, então, um número infinito de gêneros.

Marcuschi (2002) nos lembra que ao obter conhecimento sobre determinado gênero textual, temos a possibilidade de alcançar de modo linguístico o propósito desejado em determinadas ocorrências sociais. Bronckart (1999, apud MARCUSCHI, 2002, p. 29) sustenta que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

Este estudo se firma no conceito de gênero textual trazido por Marcuschi por acreditarmos que o percurso e os objetivos do nosso trabalho se encaixam às concepções do autor de forma mais coerente, dando sustentação e facilitando na compreensão de nossa proposta.

Muito há o que falar sobre gêneros textuais. Neste trabalho desejamos salientar a importância de ter a capacidade de identificar a qual gênero determinado texto pertence, pois este conhecimento facilitará tanto para o leitor, na compreensão e nas intenções discursivas, como para o escritor, na produção.

Com alguma noção de gêneros textuais já em mente, iniciaremos, a seguir, um estudo com o gênero textual notícia, demonstrando sua estrutura composicional, as categorias que o compõem e, assim, partiremos, em seguida, para a categoria que nos serve de corpus de análise, a manchete.

O gênero textual notícia

O gênero textual notícia está direta ou indiretamente ligado à vida cotidiana dos leitores, seja por meio de jornais impressos ou pela TV, rádio e internet. Em meio a tantas possibilidades de ter acesso às notícias, o leitor se depara com a mesma notícia em diferentes suportes comunicativos. Lage (2001, p. 18) nos informa que “a notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento”.

Baltar (2004) nos mostra que a notícia se encontra caracterizada como um gênero jornalístico, que se subdivide em gêneros informativos e opinativos. Dentro dessa subdivisão, a notícia é classificada como gênero informativo bem como a nota, a reportagem e a entrevista. Enquadram-se no gênero opinativo o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a charge e a carta. O autor, em seu trabalho com gêneros textuais, desenvolve um quadro em que são apresentadas as características que compõem esses dois grupos dos gêneros jornalísticos.

INFORMATIVO	OPINATIVO
Repórter não se posiciona	Autor se posiciona
Tem necessariamente fonte	Não precisa de fonte
O que o autor pensa não importa e não deve transparecer – não aparecem identificadores de enunciador de 1ª e 2ª pessoa	O que importa é a visão do autor. Pode aparecer índice de 1ª pessoa
Linguagem deve ser simples (não simplória) e não admitir gírias	Admite linguagem mais sofisticada ou gírias
Deixa o leitor tirar as próprias conclusões	Pode tentar convencer o leitor de uma posição
Trata do fato puro (ou interpretado, no caso da reportagem)	Trata do ponto de vista do autor sobre os fatos
Todo jornalista precisa começar pelo gênero informativo	Poucos jornalistas chegam ao gênero opinativo
É a base do jornalismo	É um adereço que qualifica um jornal, mas é dispensável
É a forma pela qual o leitor se informa	É a forma pela qual o leitor forma opinião
Pode ou não ser assinado (a reportagem sempre é)	É sempre assinado (menos o editorial)

Quadro 1: Gêneros jornalísticos a partir de entrevista com a jornalista do Correio do Povo Liana Pithan (BALTAR, 2004, p. 137)

O que é apresentado por Baltar (2004), no quadro 1, é necessariamente o que se é esperado de um texto jornalístico informativo, como é o caso da notícia, mas percebe-se um direcionamento da notícia, seja por parte do repórter/jornalista, seja por parte do veículo de comunicação. O fato não é apresentado de forma pura, e há sim uma interferência, já que a impessoalidade é parcial.

Erbolato (1991, apud SILVA, 2007, p. 35-36) menciona que o gênero textual notícia possui algumas características principais, como ser “recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público”. O autor salienta também que as notícias sofrem algumas variações: de tempo - para hoje já não terá mais importância o que ontem teve; geográfica - a relevância da notícia se dá pela importância que ela possui ao leitor; portanto, o que é noticiado em uma cidade de determinado estado pode não ter o mesmo destaque se for noticiado em outro; pode variar de acordo com determinada empresa - cada qual possui critérios e preferências específicas em relação ao conteúdo a ser divulgado.

Uma técnica frequentemente empregada que faz com que uma notícia seja bem formulada é a utilização do que Baltar (2004) chama de técnica dos 6W, em que o redator e/ou o leitor devem se atentar à existência das seis perguntas essenciais na estrutura da notícia: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como? Essas perguntas que vão deixar a notícia clara e objetiva e facilitarão tanto para o redator ao escrever uma notícia, como para o leitor ao interpretá-la.

Em relação à estrutura composicional do gênero notícia, Dijk (1988) nos mostra que a notícia é composta pelas seguintes categorias: a manchete, o lead, o episódio (eventos e consequências/reações) e os comentários. O episódio tem por objetivo transmitir de forma detalhada e clara o fato noticiado e ainda revelar o ocorrido, suas consequências e a reação resultante; no caso dos comentários, nada mais são que os esclarecimentos dados pelos envolvidos em determinada situação a ser noticiada. A manchete e o lead, por sua vez, “têm como função resumir o evento para captar a atenção dos leitores para os fatos relevantes que possam lhes dizer interessem”.

Depois de apresentadas algumas características do gênero notícia, partiremos para a apresentação da manchete.

A Manchete

Trabalhando com a categoria manchete, que nos é de interesse aqui, pudemos notar que os estudos críticos sobre manchete realizados até o momento ainda são poucos, mas verificamos que segundo o **Manual de Redação e Estilo** (2005, p. 57) de **O Globo**, a manchete refere-se ao título principal dando maior relevância, podendo ser a manchete principal do jornal encontrada na primeira página, como também a manchete dos cadernos, seções ou páginas na extensão do jornal. Em relação à notícia, a manchete é seu ponto principal, e estará sempre a resumindo.

De acordo com o Manual da Folha de S. Paulo (1984, p. 58), uma manchete deve ser elaborada da seguinte maneira:

Ela deve ser tensa, rápida, sintética, nervosa, objetiva. Deve ser dramática sem perder a sobriedade. Sua forma correta é a que expressa uma ação em desenvolvimento. O uso do ponto-e-vírgula permite incluir mais de um fato na manchete. Devem-se evitar recursos, tais como o aposto e a perífrase, que retiram velocidade à leitura da manchete. A força da manchete decorre em parte da sua feição gráfica.

Já no **Manual O Estado de S. Paulo** (2005, p. 173), não se encontra nenhuma referência, seja técnica ou formal, como verificamos nos manuais da Folha de S. Paulo e do **O Globo**. O que há são somente informações quanto ao posicionamento que a manchete deve ter no jornal, a qual deve ocupar toda a extensão da página.

Maia (2003, apud SILVA, 2007, p. 37) apresenta a manchete como “responsável por despertar o interesse pela leitura, contém uma mensagem condensada, rápida e sempre vem destacado graficamente (negrito).”

Segundo o **DICIONÁRIO online do Português** (2013), a definição dada à manchete é de que se trata de: “s.f. Título extenso, feito com tipos grandes, na primeira página dos jornais”. Entendemos, então, que a manchete é uma síntese da notícia, indispensável por ter a função de, utilizando as possibilidades que a língua oferece, informar clara e objetivamente, de modo que o leitor consiga deduzir e ter uma ideia do que tratará o texto.

Uma vez que as manchetes se caracterizam como nosso objeto de análise e é a partir delas que observaremos os possíveis efeitos de

sentido gerados por ambiguidade nessa categoria, faz-se necessário apresentarmos uma noção de ambiguidade.

Ambiguidade

A ambiguidade é um recurso desenvolvido na esfera semântica, que se ocupa com o estudo dos sentidos possíveis da língua. Juntamente com o estudo da significação, a semântica deve “ser estudada como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos”. (CANÇADO, 2012, p. 21)

Na teoria, encontrar um significado para determinada palavra pode parecer fácil; no entanto, a prática não se mostra assim. O significado de uma palavra pode ser muitos, de acordo com o contexto que ela se insere; por isso que atribuir um significado a uma palavra já contextualizada é normalmente mais simples. A palavra *banco*, por exemplo, possui pelo menos dois significados possíveis, um como *acento* (de praça), outro como uma *instituição financeira*; tais significados só serão atribuídos de forma coerente à palavra *banco*, quando está vier inserida em um contexto.

A ambiguidade para Aristóteles (1996, *apud* PASSINI, 2013, p. 58) é entendida como uma imprecisão que ocorre devido à manifestação da língua, e pode ser tida por três maneiras:

Um, é quando a expressão, ou o nome, na acepção própria, tem várias significações como *aetóse kuon*; outro, quando temos o hábito de utilizar um nome em mais de uma acepção; outro, enfim, quando as palavras, combinadas umas com as outras, têm vários significados, enquanto, em si mesmas, só têm um.

Para Kempson (1980, *apud* PASSINI, 2013, p. 60), pode-se definir ambiguidade “quando uma sentença pode ser verdadeira em circunstâncias diferentes”. No entanto, esta é uma definição rasa em meio a amplitude de significação possível da língua; o autor, ciente disto, completa dizendo que “uma sentença é ambígua se pode ser simultaneamente verdadeira e falsa, em relação ao mesmo estado-de-coisas.”

Consideramos para este trabalho a ambiguidade como “um fenômeno semântico que aparece quando uma simples palavra ou um grupo de palavras é associado a mais de um significado” (CANÇADO,

2013, p. 70). Elencaremos alguns tipos possíveis de ambiguidade trazidos por Cançado (2013):

A *ambiguidade lexical* é o primeiro tipo apresentado pela autora; o duplo sentido se realiza a partir da unidade lexical; este tipo de ambiguidade se manifesta de duas maneiras: por Homonímia e por Polissemia.

A *homonímia* se caracteriza por não apresentar uma ligação no sentido da palavra ambígua; encontram-se palavras denominadas de *homógrafas* que apesar de possuírem a mesma ortografia e fonema geram sentidos distintos, como podemos ver em (1) e (2); e as denominadas *homófonas* que possuem escrita e sentido distintos, mas reproduzem o mesmo som, e é o que vemos em (3).

(1) a. banco -instituição financeira
-lugar em que se assenta

b. manga -fruta
-parte do vestuário

(2) O cadáver foi encontrado perto do banco. (ILARI; GERALDI, 2000, p. 57)

(3) sexta/cesta (CANÇADO, 2013, p. 71)

A *polissemia*, ao contrário da homonímia, possui uma ligação entre os sentidos que a palavra ambígua pode gerar; em (4) o sentido que é atribuído à palavra "pé" se mantém nos demais sentidos.

(4) pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página etc. (CANÇADO, 2013, p. 72)

(5) Clarice bateu o pé no pé da mesa ao ir pegar uma manga ao pé da mangueira.

O segundo tipo apresentado é a *ambiguidade sintática*, que se desenvolve a partir da estrutura. A ambiguidade sintática não exige identificar as palavras ambíguas na sentença, mas sim, os sentidos distintos que podem ser gerados pela estrutura. Em (6), podemos verificar que a estrutura em que a sentença se encontra gera dois sentidos possíveis.

(6) Homens e mulheres competentes têm os melhores empregos.
(CANÇADO, 2013, p. 76)

O primeiro sentido possível é que as mulheres competentes e os homens têm os melhores empregos; já um segundo sentido possível é que os dois, homens e mulheres, os quais são competentes, têm os melhores empregos.

O próximo tipo a ser apresentado é a *ambiguidade de escopo*. Este tipo também tem a ambiguidade desenvolvida a partir da estrutura da sentença, mas diferente da sintática, a ambiguidade de escopo se dá por sua estrutura semântica, logo o foco da ambiguidade não se encontra em um item lexical.

(7) Todos os alunos comeram seis sanduíches. (CANÇADO, 2013, p. 78)

Em (7) a estrutura semântica da sentença gera dois possíveis sentidos:

- (7) a Todos os alunos comeram (um total de) seis sanduíches.
- (7) b Todos os alunos comeram (cada um) seis sanduíches.

Assim, elencados alguns dos tipos de ambiguidade, a autora nos alerta quanto a difícil tarefa na identificação desse fenômeno e de suas diversas ocorrências, e observa que existe a possibilidade de outros sentidos possíveis aos exemplos aqui apresentados, como também, a existência de outras ocorrências ambíguas.

Análise e discussão das manchetes

As manchetes utilizadas em nossas análises foram selecionadas do jornal impresso da cidade de Ituverava-SP, por ser de fácil acesso, e as manchetes online foram selecionadas aleatoriamente conforme a presença de ambigüidade. Esse material foi levantado entre os meses de março a outubro de 2013 num total de 30 ocorrências, a fim de

verificarmos a ocorrência dos tipos de ambiguidade nas manchetes presentes. As análises foram desenvolvidas de acordo com os tipos apresentados, procurando destacar os sentidos que são possíveis de serem conferidos em cada caso analisado. Neste trabalho, são apresentadas algumas ocorrências a título de amostragem.

Notamos na manchete abaixo, (manchete (1)), a presença da ambiguidade sintática, em que sua estrutura nos direciona a dois sentidos possíveis à expressão “em casa”.

(1) “São Paulo quebra invencibilidade do Cruzeiro em casa”

A expressão “em casa” gera duas interpretações da manchete:

(1) a. Em casa, São Paulo quebra invencibilidade do Cruzeiro.

(1) b. Em casa, Cruzeiro tem invencibilidade quebrada por São Paulo.

Neste caso, verificamos que a ambiguidade interfere na transmissão da informação de forma a modificar o fato ocorrido. Mas ao ler a notícia pertencente a esta manchete (ver anexo A), desfaz-se a ambiguidade, observando que é relatada a derrota do Cruzeiro no Mineirão, estádio do clube. Entende-se, portanto, que este time teve sua invencibilidade quebrada em casa. Podemos, então, considerar (1b), acima, como a manchete da notícia. O leitor, que se interessa por essa notícia, ao se deparar com esta manchete, vê-se tentado a ler a notícia para confirmar onde realmente o jogo aconteceu.

Na manchete (2) o tipo de ambiguidade presente é novamente a sintática e a estrutura em que a sentença se apresenta abre possibilidade a duas interpretações.

(2) “Igreja Mundial pede que fiéis finjam doença para obter verba”

(2) a. Para obter a verba, Igreja Mundial pede que fiéis finjam doença.

(2) b. Para que fiéis obtenham a verba, Igreja Mundial pede que eles finjam doença.

Em (2), a expressão “para obter verba” pode ser direcionada tanto para a Igreja Mundial (2a) como para os fiéis (2b). Esta duplicidade

de sentido só é desvendada se o leitor despertar sua curiosidade e ler a notícia que esta manchete está apresentando (ver Anexo B), e o que temos informado é que a Igreja Mundial solicita fiéis para fingirem doença a fim de obter verba para a instituição religiosa.

Nas manchetes analisadas, encontramos também a ambiguidade lexical que é representada por item lexical homonímico (caracterizado por não apresentar uma ligação no sentido da palavra ambígua) e homógrafo (que possui mesma ortografia e fonema, mas geram sentidos distintos), **É o que observamos na manchete (3) a seguir:**

(3) "SP: nova medição de poluição do ar estreia e com sete 'bom'"

Nesta manchete podemos inferir que:

(3) a. Estreia com sete "bom" nova medição de poluição de ar no estado de SP.

(3) b. Estreia com sete "bom" nova medição de poluição de ar na capital de SP.

Em (3a) temos que no estado de São Paulo, dos novos medidores de poluição de ar, apenas sete apresentaram bons resultados; em (3b), a manchete informa a obtenção de sete resultados bons em nova medição de poluição de ar na cidade paulista. A duplicidade de sentido é eliminada somente com a leitura da notícia (ver Anexo C) que segue esta manchete. A notícia na íntegra traz a informação de que dos quatorze medidores instalados na capital paulista foram obtidos sete "bons" resultados, e não de todos os 46 medidores instalados no estado de SP. O leitor só terá esta informação confirmada após ler a notícia.

Além disso, como afirma Cançado (2013), um enunciado pode conter mais de um tipo de ambiguidade. É o caso da manchete (3), em que observamos também a existência da ambiguidade de escopo que é representada pela estrutura semântica do enunciado.

(3) c Nova medição de poluição de ar em SP tem avaliação sete.

(3) d. Nova medição de poluição de ar na cidade de SP tem sete

bons resultados.

Em (3c) entende-se que SP obteve nota sete em avaliação de nova medição de poluição de ar; já em (3d), temos que a medição de poluição de ar em SP conseguiu sete resultados bons. Como já exposto acima, tal ambiguidade somente será desfeita após uma leitura completa da notícia que segue esta manchete (ver anexo C).

A manchete (4), analisada a seguir, apresenta ambiguidade sintática. Este fenômeno se desenvolve por meio da estrutura da sentença, que direciona o leitor aos sentidos possíveis de interpretação, como vemos a seguir:

(4) "Ex de Pato exhibe decote em evento de moda com Kaká"

(4) a. Ex de Pato exhibe decote ao lado de Kaká em evento de moda.

(4) b. Ex de Pato exhibe decote em evento de moda que Kaká estava presente.

Em (4a) interpreta-se que a ex-namorada do jogador Pato estava exibindo seu decote com o jogador Kaká em evento de moda, como se os dois fossem um casal; já em (4b), tem-se que a ex-namorada do Pato exibia seu decote em um evento de modo em que Kaká também participou. Ao ler a notícia na íntegra (ver anexo D), o que se observa é o que (4b) apresenta, ou seja, ex-namorada de Pato e Kaká apenas participaram do mesmo evento de moda, mas não estavam juntos, como casal.

Como pudemos observar, as manchetes aqui analisadas apresentaram tipos de ambiguidade distintos, nos levando a refletir sobre os possíveis efeitos de sentido gerados nesse gênero jornalístico.

Considerações finais

Como pode ser observado, os tipos de ambiguidade presentes nas manchetes são vários, cada um se apresenta de acordo com a necessidade que o jornalista encontra para atrair o leitor aos acontecimentos que serão relatados.

Os jornalistas, geralmente, utilizam desse recurso linguístico

como aliado na difícil tarefa de fazer despertar a curiosidade do leitor pela notícia por meio da manchete.

Procuramos demonstrar, por meio das análises, que a presença de ambiguidade nas manchetes serve de atrativo ao texto informativo, que as distintas interpretações que este recurso linguístico propicia desperta a curiosidade do leitor em averiguar o efeito sentido ali atribuído. Com isto, notamos que para que a ambiguidade encontrada nas manchetes tenha a duplicidade de sentido desvendada, o leitor, muitas vezes, precisa ler a notícia na íntegra, e este é o objetivo do jornalista/escritor, despertar a curiosidade do leitor e chamar a atenção para o texto.

Em todos os tipos de ambiguidade estudados e analisados em nosso corpus, observamos que os efeitos de sentido em cada um podem ser bastante intrigantes em relação à notícia. E que é a partir desta intrigante duplicidade de sentido plausível, à sentença, que o leitor se vê tentado a ler a notícia na íntegra.

Referências

ALVES FILHO, F. **Gêneros textuais jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

BALTAR, M. A. R. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias Do Sul: Educs, 2004.

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 7, p. 245-256.

CANÇADO, M. Ambiguidade e vagueza. In: CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012. Cap. II, p. 65-81.

DICIONÁRIO ONLINE DO PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/manchete/>>. Acesso em 03 out 2013.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. A linguística textual. In: FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual**: introdução. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000. Cap. 1, p. 11-23.

FOLHA DE S. PAULO. Manual Geral de Redação. São Paulo, 1984.

ILARI, R. A noção semântica de ambigüidade. **Veredas**: revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, vol.1, n. 1. 1997.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, M. E. B. V. É preciso ensinar a ler. In: BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira. **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013. p. 197-211.

NOBREGA, M. A. de. **Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto escrito jornalístico - o caso do jornal da tarde**. 2008. 259 f. Tese (Doutorado Curso de Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=153505>. Acesso em 02 ago 2013.

O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. Organizado e editado por Luiz Garcia. 29. ed. São Paulo: Globo, 2005.

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. Organizado por Eduardo Martins. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

PASSINI, M. T. **A (im)precisão dos sentidos: uma reflexão acerca da ambiguidade pela ótica discursiva**. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/199/166>>. Acesso em 27 set 2013.

PRIBERAM - Dicionário da Língua Portuguesa (2012). Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=notícia>>. Acesso em 06 set 2013.

SILVA, M. V. Da S. **Compreensão leitora de dois gêneros textuais: notícia e artigo de opinião**. 2007. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Leitura e Cognição, Universidade De Santa Cruz Do Sul, Santa Cruz Do Sul.

Recebido em 24 de dezembro de 2013.

Aceito em 17 de abril de 2014.